

NESEF



REVISTA DO

FILOSOFIA E ALTERIDADE

V. 8 – N. 1 – JAN./JUL. 2019

REVISTA DO NESEF
FILOSOFIA E ENSINO

FILOSOFIA E ALTERIDADE

ISSN 2317- 1332

Curitiba
Janeiro – Julho 2019

COORDENAÇÃO

Geraldo Balduino Horn
Lucas Lipka Pedron

CONSELHO EDITORIAL PERMANENTE

Alejandro Cerletti (UBA)	Elisete Tomazetti (UFSM)	Marcelo Senna Guimarães (Colégio Pedro II - RJ)
Anita Helena Schlesener (UFPR/UTP)	Emmanuel José Appel (UFPR)	Marcos Lorieri (UNINOVE)
Antônio Edmilson Paschoal (PUCPR)	Euclides André Mance (IFIL)	Maria Cristina Theobaldo (UFMT)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)	Felipe Ceppas (UFRJ)	Mauricio Langón (IPES/ ANEP - UY)
Bernardo Kestring (Unibrasil)	Giselle Moura Schnorr (FAFIUV)	Odilon Carlos Nunes (UFPR)
Carmen Lúcia F. Diez (UNIPALAC)	Gustavo Ruggiero (UNGS - ARG.)	Ricardo Costa de Oliveira (UFPR)
Celso Fernando Favaretto (FEUSP)	Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR)	Roberto de Barros Freire (UFMT)
Delcio Junkes (UFPR)	José Antônio Martins (UEM)	Rodrigo Pelloso Gelamo (UNIMEP)
Celso de Moraes Pinheiro (UFPR)	José Benedito de Almeida Júnior (UFU)	Tânia Maria F. Braga Garcia (UFPR)
Celso Luiz Ludwig (UFPR)	Jorge Luiz Viesenteiner (PUCPR)	Vanderlei de Oliveira Farias (UFFS)
Dalton José Alves (UNIRIO)	Junot Cornélio Matos (UFPE)	Walter Omar Kohan (UFRJ)
Danilo Marcondes (PUCRJ)	Lucrécio Araújo de Sá Jú- nior (UFRN)	
Darcisio Muraro (UEL)	Marcelo Gonçalves Marce- lino (NEP-UFPR)	
Domenico Costella (IFIL)		

COMITÊ DE AVALIAÇÃO DESTA EDIÇÃO

Anita Helena Schlesener (UTP)	Celso Luiz Ludwig (UFPR)	Odilon Carlos Nunes (UFPR)
Carmen Lúcia F. Diez (UNIPALAC)	Giselle Moura Schnorr (FAFIUV)	Márcio Jarek (UTFPR)
	Luciana Vieira de Lima (FACET)	Rui Valse (UNINTER)

APOIOS

Setor de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE-UFPR
Bardo Revisão

COLABORAÇÃO

Diagramação: Bardo Revisão
Coletivo de pesquisadores do NESEF
Nesef/G-Filo

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DOS CONTEÚDOS DESTA PERÍ-
DICO DESDE QUE CITADA A FONTE, CONFORME ESPECIFICAÇÃO DOS EDITORES E LE-
GISLAÇÃO QUE REGULA A PROPRIEDADE INTELECTUAL.

SUMÁRIO

EDITORIAL | 6
Coletivo do NeseF

SEÇÃO I ARTIGOS

DESCOLONIZAÇÃO METAFÍSICA:
ESBOÇO DE MANIFESTO CONTRA-FILOSÓFICO | 9
Marco Antonio Valentim

INÉDITOS VIÁVEIS: DIALOGICIDADE,
INTERCULTURALIDADE E LIBERTAÇÃO | 24
Giselle Moura Schnorr

IMPLICAÇÕES ANTRO-POLÍTICAS NO CONCEITO
DE POVO EM HEIDEGGER | 47
Luís Thiago Freire Dantas

ONTOLOGIA E VIDA: SOBRE
O TRABALHO EM HEGEL, MARX E LUKÁCS | 60
Lucas Lipka Pedron

A VERGONHA QUE NÃO NOS PERTENCE | 77
Gustavo Jugend

O (NÃO)LUGAR DA FILOSOFIA BRASILEIRA | 101
Benito Eduardo Maeso

CONTROLE E ESPETÁCULO: IMAGENS CINEMATOGRAFICAS
DA TELEVISÃO DOS ANOS 1990 | 111
Thiago Henrique Felício

SEÇÃO II INFORMATIVO NESEF

MANIFESTO DAS FILOSOFIAS OUTRAS | 128
Coletivo do NeseF

SEÇÃO III ARTIGO DE OPINIÃO

A INVISIBILIDADE DE SI DO POVO BRASILEIRO
NA OBRA DE DARCY RIBEIRO | 132
Marcos Antonio de França

EDITORIAL

Caro leitor/a, este número da Revista do Neseef nasce dentro de um contexto muito particular e especial. É resultado das ações do grupo Neseef/G-Filo, que iniciou suas atividades em novembro de 2016 por meio de ciclos semestrais de seminários sobre temas e obras voltadas para a disseminação da produção intelectual de pensadores brasileiros e latino-americanos. O grupo se reúne com regularidade no IFIL (Instituto de Filosofia da Libertação), local onde ocorrem os seminários e reuniões. Com a participação ativa de professores de filosofia e estudantes de graduação e do ensino médio, o grupo decidiu levar os debates também para escolas públicas, através de palestrantes (alguns deles autores de artigos publicados nesta edição) que trataram de temas e problemas filosóficos pensados para além da abordagem eurocêntrica, considerando a realidade cultural e política brasileira e latino-americana.

Há uma imensa quantidade de renomados artistas, filósofos/as, cientistas latino-americanos/as. Entre as diversas áreas de grande expressão, na de Ciências Humanas, especialmente na Filosofia, temos autores e pensadores de grande influência internacional. A prova disso é a criação de inúmeros centros de estudos brasileiros em universidades europeias, norte-americanas e asiáticas. No entanto, não vemos essa mesma valorização de autores latino-americanos, e particularmente brasileiros, no Brasil – inclusive na área de Filosofia. Para graduandos da área, toda perspectiva de estudo se volta unicamente para o pensamento eurocêntrico e não continental. As obras de grandes autores fora do eixo europeu (historiadores da filosofia ou filósofos) praticamente não são estudadas nos cursos de graduação em Filosofia; quando muito, compõem uma bibliografia secundária de alguma disciplina ministrada. Essa problemática torna fundamental e, ao mesmo tempo, necessária a criação de espaços para o aprofundamento de temas relacionados à cultura latino-americana.

Podemos entender a Filosofia como um movimento do pensamento, como o debruçar do pensamento sobre si mesmo. Em outras palavras, o pensamento se torna objeto do próprio pensar. Essa forma de entender a filosofia está ligada à tradição do pensamento ocidental. Quando nos perguntamos o que é pensamento, realizamos esse experimento filosófico. Experimentação típica da filosofia grega e de toda

filosofia que se fundamenta a partir da tradição deixada por Platão e Aristóteles. É uma tradição que funda a filosofia como edificante de todo conhecimento, pois é através dessa experimentação filosófica do pensar que se definem as noções básicas de todo conhecimento. Perguntar pelo *quê* das coisas é perguntar pela sua essência, por aquilo que as define, aquilo que faz uma coisa ser uma coisa, e outra coisa não ser esta coisa, mas ser outra coisa qualquer.

Há, no entanto, outra possibilidade da Filosofia, geralmente desprezada e destituída de fama e glória na tradição ocidental: a filosofia que não se define pelo debruçar-se do pensamento sobre si mesmo (retirando o processo do pensar do mundo), mas pelo jogar-se do pensamento no mundo. Esse é o caso das filosofias orientais, as filosofias africanas, as filosofias árabes, as filosofias de populações indígenas das Américas e, mais recentemente (últimos 60, 70 anos), as filosofias de regiões cujos conflitos sociais engendram um modo de pensar e encarar os problemas sociais de uma maneira única – como a proposta de uma filosofia intercultural ou filosofia da libertação. Essas filosofias não são a expressão do modo de pensar de um indivíduo; não são tampouco a soma, nem a média, da forma de pensar de seus membros.

Elas são o modo de pensar construído ao longo das vivências de cada povo, e não se desligam daquilo que cada povo engendra dentro desse modo de pensar: o cultivo da terra, a tradição religiosa, a organização das casas, as vestimentas, a língua, as armas, as táticas e estratégias de guerra etc. Tudo isso compõe e influencia a forma como um povo pensa, como age, como se relaciona com o ambiente que habita. É com este intuito que reunimos aqui artigos que tratam dessa problemática, a partir de diferentes perspectivas de interpretação.

Boa leitura!

Saudações filosóficas!

Coletivo do NeseF